



O Ideário Patrimonial О идеарио

Culturas oriundas da África,
América e Europa

O LETREIRO DA CAPELA DE S. SEBASTIÃO, EM MOIMENTA DA BEIRA

THE SAINT SEBASTIAN'S CHAPEL AT MOIMENTA DA BEIRA (PORTUGAL) AND HIS INSCRIPTION

Recebido a 28 de setembro de 2021
Revisto a 29 de setembro de 2021
Aceite a 01 de outubro de 2021

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

José Carlos Santos

Licenciado em Arqueologia
Av. da Liberdade, 34
P – 3620-373 Moimenta da Beira
turirotas@gmail.com



Resumo

Existe na torre sineira da capela de S. Sebastião, em Moimenta da Beira, uma inscrição que ainda não fora estudada. Aí se identifica o orago do templo, a data da sua construção e também lá poderá estar a «assinatura» do canteiro que a gravou.

Palavras-chave: Capela de S. Sebastião; Moimenta da Beira, inscrição quinhentista.

Abstract

At the little steeple of the Saint Sebastian's chapel, at Moimenta da Beira (Portugal), we can see an unusual inscription, in what, nevertheless, is the name of the saint patron, the date of the construction and, perhaps, the name of the stonecutter.

Keywords: St. Sebastian's chapel; Moimenta da Beira; inscription.

«Senhora das Mercês, Senhora do Amparo, Capela do Mártir... três lugares, três capelas integradas no património que identificava Moimenta da Beira como Povo» – escreve António Bento da Guia (2001, p. 278).

E, depois de lamentar que «os estratos superiores da sociedade local, em nome de uma cultura agressivamente invasora e colonizante, os relegue para espaços vazios de conteúdo humano, sintetiza-lhes assim o seu significado: S. Sebastião, «o acabar com todas as guerras»; Senhora das Mercês, «libertação de todos os cativeiros»; a Senhora do Amparo, «a misericórdia vigilante para todas as carências».

Debrucemo-nos, pois, sobre a capela de S. Sebastião, depois de já termos escrito acerca da Senhora das Mercês (2021). É um santo de grande devoção das gentes (Santos, 2009), com festa anual que António Bento da Guia enaltece por ser, em sua opinião, um dos «símbolos culturais» do Povo, «que os doutos não sabem ler» (p. 299). E conta: «Depois de uma noite de folguedos, à volta da capela do Mártir, sete Marias dão os pontos rituais na bandeira que sete Manuéis levantam com orgulho e fé, frente à capela de S.

Sebastião [...] e «levam o Santo, entre foguetes e música, ao ritmo hierático que vem do tempo dos Celtas» (*ibidem*).

Emerge, singela, da paisagem, com seu telhado de duas águas (Figura 1).



Figura 1 – Capela de S. Sebastião. Fonte: JCSantos

Paredes de pedras graníticas irregulares (excepto na fachada, onde se teve maior preocupação geométrica), ligadas por argamassa. Portal em arco de volta perfeita. Dois bancos de pedra, um de cada lado da entrada. Do lado direito, uma abertura para donativos.

«Ao lado direito da capela» – escreve o Abade dos Arcozelos, António Francisco de Andrade (1926, p. 73) – ergue-se um alto cruzeiro de granito, ao pé, há uma laje natural, vendo-se ali duas fundas recravas, onde se armava a forca, para execução dos facínoras, conforme a lei daqueles tempos». Ainda lá estão; contudo, como tivemos ocasião de referir (Santos, 2009), tratar-se-á de um lagar rupestre e aí se põe o tradicional cepo durante a festa. À semelhança de outras estruturas do género existentes na região, apresenta duas cavidades (que serviriam de base de apoio a uma prensa); daí que a população associe essa estrutura à forca.

Único elemento que chama a atenção é um simulacro de torre sineira (sem sino), que encima a fachada e serve de pedestal a uma cruz patada: dois pilares sustentam o fastígio triangular com rebordo nas arestas e semicircular na parte inferior média, a simular uma entrada (Figura 2).



Figura 2 – A torre Sineira. Fonte: JCSantos

Tem a cruz cinco estrelas gravadas, uma em cada braço e uma ao centro. Poderão simbolizar as cinco chagas de Cristo ou as cicatrizes que se vêem nas representações do santo mártir cravejado de setas.

É nessa superfície triangular que foi gravada uma inscrição em caracteres cursivos sem obediência a qualquer rigor geométrico quer no traçado quer na disposição espacial. Dá mesmo a impressão de que se tratou de iniciativa pessoal do canteiro, que, por autorrecriação, terá decidido ocupar com o letreiro o espaço vazio, que não fora pensado para incorporar qualquer escrito, nele inscrevendo o nome do orago e a data da construção.

As letras, maiúsculas, quase se aninham na superfície disponível, “caminhando” para a direita (Figura 3):

SE/bASTI/A/M



Figura 3 – A inscrição. Fonte: JCSantos

O S está levemente inclinado para diante; o B é minúsculo; o A tem barra superior, assemelhando-se muito ao A uncial que Cordeiro de Sousa apresenta nos seus *Apontamentos de Epigrafia Portuguesa* (4ª edição, Coimbra, 1983, p. 18); M bem aberto, de vértice inferior quedando-se a meio.

Registe-se que, entre o I e o A, parece ter sido gravado um sinal (letra?), cujo sentido se não descortina.

Do lado esquerdo, ao nível do arco, começará uma palavra cuja interpretação de momento se desconhece: uma espécie de 8 deitado – qual sinal de infinito com haste a meio, assim: db; depois, TEA, estando o A sensivelmente no topo do arco.

Em baixo, cremos não haver dúvidas, é a data: 1596 – com dois dígitos de cada lado do arco, estando o 5 grafado em jeito de S inclinado para diante, como era hábito na época.

Constitui, pois, um enigma o que se poderá ter querido inserir antes da data. E também não deixa de ser estranho ter-se aproveitado este «pedestal», bem no cimo, para dar uma informação, em princípio, «oficial», pois identifica o orago do templo e a data em que terá sido construído. Quiçá o canteiro construtor haja verificado tal omissão e desta forma a tenha querido suprir. Acrescentou, todavia, umas letras cujo ignoto significado nos deixa perplexos. E se for a sua «assinatura»? As iniciais do seu nome? Não seria nada de espantar!

Voltando à data, que é um dado importante. O Abade dos Arcozelos leu «S. Sebastião – 1196», data que lhe serviu para mostrar a grande antiguidade de Moimenta. De resto, também na capela de Nossa Senhora das Mercês se lera 1164, o que corroborava essa hipótese. Ao ler-se 1596, confirma-se o que Bento da Guia escreve (p. 278): a capela «deve ter sido construída» «à volta do ano 1500». Anote-se, porém, que o pároco de Moimenta, Francisco Gonçalves, quando, a 20 de Maio de 1758, responde ao questionário ordenado pelo Marquês de Pombal, menciona, sob o nº 13 – «se tem algumas ermidas e de santos e se estão dentro ou fora do lugar e a quem pertencem» – a de S. Sebastião, «fora da vila», mas não se detém na descrição do seu interior, certamente por nada ter de mencionável (Gouveia, 2008, p. 101).

Em conclusão:

Gravada como está, no cimo da pequena torre sineira e na sua modesta aparência – quase de apontamento que, em jeito de ‘desabafo’, o canteiro se lembrou de fazer, para que os vindouros soubessem – a inscrição sobre que ora nos debruçamos tem duas informações importantes: uma, que assim se precisou, a data da construção da capela; outra, a de o seu orago ser S. Sebastião. O enigma mantém-se em relação ao que está escrito imediatamente antes da data. A possibilidade de ser a «assinatura» desse canteiro providente não se nos afigura, pois, despicinda.

Bibliografia

- Andrade, A. (1926). *Descrição e Historia do Concelho de Moimenta da Beira*. Viseu.
- Encarnação, J. d' e Santos, J. C. (2021). Se a Senhora das Mercês nos dá uma mercê!...
Terras do Demo [Moimenta da Beira], 19 de Agosto de 2021, 6.
- Gouveia, J. (2008). *Memórias Paroquiais e Descrições Setecentistas do concelho de Moimenta da Beira*. Câmara Municipal de Moimenta da Beira.
- Guia, A. (2001). *As vinte freguesias do concelho de Moimenta da Beira*. Câmara Municipal de Moimenta da Beira (3ª edição).
- Santos, J. C. (2009). À descoberta do património: O culto ao Mártir São Sebastião em Moimenta da Beira. *Jornal Beirão*. 18, 24-07-2009.

